

# 13.

## A PRIMEIRA REPÚBLICA E O POVO NAS RUAS

Assim como o Império, a República precisou inventar símbolos pátrios para construir um novo imaginário e se legitimar no controle do Estado brasileiro. Novamente, percebemos como o processo acomodava ruptura e continuidade: se o verde-amarelo heráldico dos Bragança e o esquema geométrico da bandeira nacional foram preservados — a exemplo da melodia do Hino Nacional —, um lema positivista foi estampado no céu azul de estrelas que tomou o lugar do brasão imperial. Na verdade, se o verde e amarelo lembram (ainda) as cores das duas casas imperiais extintas, já as posições das constelações na bandeira da República correspondem ao novo regime. Do *motto* original “Amor, ordem e progresso” só ficaram os dois últimos termos, interpretados segundo uma ótica positivista, conservadora e militarista. A República nasceu fardada. O Exército abriu mão do poder executivo somente em 1895, depois de diversas sublevações civis, militares e populares.

Desde o início, o projeto de nação dos Estados Unidos do Brasil coincidiu com a ocupação das vastidões do interior pelos poderes do Estado e do capital. O Brasil republicano foi concebido como um território cujo mapa ainda precisava ser desenhado e cuja conquista foi adotada como a própria definição do “caráter nacional”. No Brasil que nasceu dos vários projetos modernistas do início do século figuraria um mundo de ambivalências.

A lisura das eleições continuou mais que questionável (o voto não era secreto), além de o processo eleitoral excluir mulheres e analfabetos. Praticamente nada foi feito para amenizar a tragédia social da herança escravista.



13.1. *Proclamação da República no campo de Santana*, óleo sobre tela de Eduardo de Sá, 1889.\*

Na verdade, as contradições eram muitas e o novo regime desejava se lançar à modernidade do século vindouro. Nas cidades, implementou-se um projeto de Regeneração — nome dado às reformas urbanas do período — que no entanto incluía o conceito de “degeneração” dos mestiços condenada pela ciência determinista da época. A existência de uma economia aferrada aos serviços e negócios de exportação agrária teve como resultado uma vida urbana bastante provisória, que passava por crises cíclicas de carestia, aumentos constantes nos preços dos gêneros alimentícios, nos custos de moradia e de transporte. As tentativas de reforma urbana provocaram ainda conflitos com a população, sobretudo fruto da desinformação, mas que foram suprimidos a ferro e fogo pelas autoridades. Um exemplo é a Revolta da Vacina, movimento popular contra medidas que visavam erradicar a febre amarela e que foi violentamente eliminado. A revolta foi enfim controlada, mas o saldo restou ambivalente: de um lado, erradicou-se a varíola na cidade do Rio de Janeiro; de outro, amontoaram-se as vítimas do confronto.

É importante ressaltar que as cidades cresceram, porém sem romper com a dinâmica do modelo agroexportador. Ao contrário, durante a Primeira Re-

\* As legendas interpretativas das autoras estão no final deste capítulo.

pública expandiu-se o fenômeno conhecido como “voto de cabresto” e coronelismo, na sua correlação com o governo, configuração que a princípio neutralizou a atuação desses novos grupos urbanos, limitando a participação e o voto. Era um novo espetáculo nas ruas que se apresentava com imigrantes europeus, greves operárias e lutas por direitos.

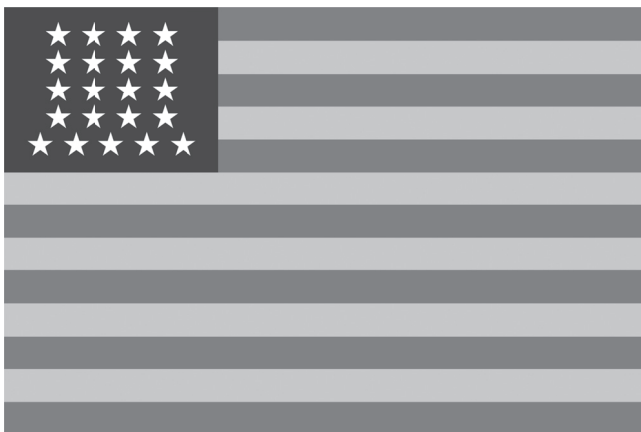
A reação à novidade não ficou restrita apenas às cidades. Em distintas regiões do país estouraram movimentos sociais (levantes da população rural como Contestado, Juazeiro, Caldeirão, Pau de Colher e Canudos) que combinavam a questão agrária e a luta pela posse de terra com traços fortemente religiosos. Abandonados por uma República que fazia da propriedade rural a fonte do poder oligárquico, grupos de sertanejos buscaram transpor o abismo que os separava da posse da terra, teceram relações inesperadas entre a história e o milenarismo, e sonharam viver numa comunidade justa e harmônica. Sobretudo em Canudos, que passaria a habitar o imaginário nacional, mas também no Contestado, episódio menos conhecido por nós, a violência da repressão estatal teve caráter exemplar.

Entre o final do século XIX e a década de 1920, no século XX, ocorreu ainda o aparecimento de outros protagonistas na cena pública que passaram a se contrapor aos interesses das elites regionais. Exemplo de manifestações políticas da nascente classe média urbana foram o florianismo (entre 1893 e 1897) e as rebeliões tenentistas dos anos 1920 — que percorreram o país de ponta a ponta. A eclosão de vários movimentos tenentistas na década de 1920 e a Coluna Prestes-Miguel Costa desestabilizaram ainda mais o frágil equilíbrio da Primeira República. O colapso da bolsa de Nova York, em 1929, e a severa crise mundial que se seguiu decretaram por fim o término da supremacia cafeeira nos negócios e na política do país.

No campo cultural, vários modernismos surgiram, revelando um movimento plural que respondia à entrada de uma nova linguagem e visão do Brasil. Mais ainda, o movimento incluía agora negros, mestiços, indígenas na nova imagem do país. Os brasileiros se aprontavam para entrar de vez no século XX, a partir de um papel comum, mas também singular dentro do concerto das nações.

## ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Em 15 de novembro de 1889 foi declarada a República no Brasil e extinta a monarquia. Sempre que o regime político é alterado, é preciso correr com a oficialização do processo e a substituição de dísticos pátrios muito vinculados ao antigo regime. Símbolos como a bandeira, o hino e o calendário festivo nacional também são mobilizados com esse fim. A partir dessas considerações, proponha as seguintes atividades aos alunos:



13.2. Imagem da bandeira provisória do Brasil republicano utilizada por quatro dias.

- a. Redigir um texto explicando o significado dos novos símbolos republicanos, bem como os motivos para tanta mudança acelerada. Com relação à nossa bandeira, identificar a que países e períodos a manutenção das cores verde e amarelo faz referência e de que maneira seu significado foi alterado durante a República;
- b. Outro símbolo criado no contexto foi o Hino da República (disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acervo/simbolos-nacionais/hinos/hino-da-proclamacao-da-republica>>). Dele, as autoras destacam alguns excertos:

[...]

***Liberdade! Liberdade!***  
***Abre as asas sobre nós,***  
*Das lutas na tempestade*  
*Dá que ouçamos tua voz*

*Nós nem cremos que escravos outrora*  
*Tenha havido em tão nobre País...*  
*Hoje o rubro lampejo da aurora*  
*Acha irmãos, não tiranos hostis.*

***Somos todos iguais! Ao futuro***  
*Saberemos, unidos, levar*

*Nosso augusto estandarte que, puro,  
Brilha, ovante, da Pátria no altar!*

[...]

Comentar um dos trechos em destaque, buscando explicitar significados e contradições com o período da República recém-instaurada. Explicar também os versos “Nós nem cremos que escravos outrora/ Tenha havido em tão nobre País”: Quando havia sido abolida a escravidão? Por que usar “outrora”?

2. Interprete, junto com os alunos, o paradoxo da nossa experiência republicana: a República que emergiu em 1889 não era apenas uma forma de governo conservadora, como demonstrou quase nenhuma sensibilidade para a questão social. Proponha aos alunos as atividades a seguir:

Analisar a primeira fase republicana, dirigida pelo marechal Deodoro da Fonseca e por Floriano Peixoto, ambos militares. E responder às seguintes questões: por que os militares assumiram o poder com a República? Quais setores se uniram para dar o golpe? Por que as autoras chamam de golpe a essa mudança de regime? O que seria um regime verdadeiramente republicano?

3. No início do século xx, o Brasil era um país que misturava o novo — as cidades, as indústrias, as novas tecnologias — com o velho — costumes, falta de participação social e política, grande propriedade latifundiária. Também estava evidente que os projetos de modernização alardeados pelo governo demorariam a ser realizados e eram profundamente antipopulares. Bom exemplo foi o projeto do “bota-abaixo” (nos termos do escritor Lima Barreto): conhecido como Reforma Pereira Passos, esse foi um amplo projeto de reurbanização, que visava modernizar o centro do Rio de Janeiro, capital do Brasil no início do século, expulsando a população pobre.

a. Comentar o que foi a Reforma Pereira Passos e por que se demoliram não só edificações como até mesmo morros, caso do Morro do Castelo. Procurar nos jornais de época e na internet fotografias acerca da demolição de partes do Rio de Janeiro para a construção de espaços “mais nobres”;

b. Concomitantemente à reformulação urbana, desenvolvia-se um projeto higienista liderado por Oswaldo Cruz. O cientista foi logo aclamado — junto com Santos Dumont — herói nacional, graças ao sucesso da vacinação pública contra a febre amarela. No entanto, esqueceram-se de “avisar a população”. Juntos, a Reforma Pereira Passos e o higienismo de Oswaldo Cruz representavam projetos de modernização vistosos e importantes, mas também confirmavam sistemas de exclusão e preconceito. Comentar e explicar esses projetos, destacando aspectos positivos e negativos;

c. A urbanização chegava para ficar. A despeito de a maior parte da população ainda



habitar o interior ruralizado, a urbanização crescente tornava-se manifesta em todo o país. Analisar e levantar dados sobre a indústria nos primeiros anos do século xx, acerca da chegada de novas levas de imigrantes e sobre o processo de substituição das importações causado pela Primeira Guerra Mundial.

4. As imagens a seguir foram produzidas durante a Primeira República e representam discursos artísticos diametralmente distintos. Observe-as com os alunos e, em seguida, sugira as atividades:

a. A Semana de Arte Moderna de 1922 foi um dos movimentos artísticos e culturais de maior relevância no Brasil. Sua proposta atacava diretamente grande parte da formação cultural do país e a importação de ideias. O novo conceito era o da antropofagia, que remetia a costumes da época dos tupinambás. Comentar a relevância disso, considerando a efervescência cultural do período; explicar ainda a concepção de antropofagia defendida por Oswald de Andrade no seu manifesto e mencionar os demais modernismos — carioca, mineiro e pernambucano, por exemplo — que estouraram em outros estados do país, estabelecendo proximidades e variações entre eles;

Revista de Antropofagia 3

## MANIFESTO ANTROPOFAGO

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os collectivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tuppy, or not tuppy that is the question.

Contra toda as cathecheses. E contra a mãe dos Gracchos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropofago.

Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitos postos em drama. Freud acalou com o enigma mulher e com outros mistos da psychologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reacção contra o homem vestido. O cinema americano informa-ra.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferocemente, com toda a hypocrisia da sanidade pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No palz da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos grammaticas, nem collecções de velhos vegetaes. E nunca subemos o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguicosos no mappa mundi do Brasil. Uma consciencia participante, uma rythmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciencia enlatada. A existencia palpavel da vida. E a mentalidade preloga para o Sr. Levy Bruhl estudar.

Queremos a revolução Carabiba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficientes na direcção do homem. Sem nos a Europa não teria sequer a sua

podere declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro annunciada pela America. A idade de ouro. E todas as grits.

Filiação. O contacto com o Brasil Carabiba. Os Villegantion print terre. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução surrealista e ao barbaro technizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos cathechizados. Vivemos aavez de um direito sonambulho. Fizemos Christo nascer na Bahia. Ou em Belem do Pará.

Mas nunca admitimos o nascimento da logica entre nós.

Só podemos attender ao mundo occular.

Tinhamos a justiça codificação da vingança. A sciencia codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabú em totem.

Contra o mundo reversivel e as ideias objectivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinamico. O individuo victima do sistema. Fonte das injustiças classicas. Das injustiças romanticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Carabiba.

Morte e vida das hypotheses. Da equação eu parte do Kosmos ao axioma Kosmos parte do eu. Subsistencia. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetaes. Em communicação com o solo.

Nunca fomos cathechizados. Fizemos foi Carnaval. O indio vestido de senador do Imperio. Pingido de Pitt. Ou figurando nas operas de Alencar cheio de bons sentimentos portuguezes.

Já tinhamos o communismo. Já tinhamos a lingua surrealista. A idade de ouro. Catiti Catiti. Imara Notia. Notia Imara. Ipeji.

A magia e a vida. Tinhamos a relação e a distribuição dos bens phisicos, dos bens moraes, dos bens digmarios. E abiamos transport o mysterio e a morte com o auxilio de algumas formas grammaticas.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Elle me respondeu que era a garantia do exercicio da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comio.

Só não ha determinismo - onde ha misterio. Mas que temos nós com isso?

Desenho de Tereza 1928 - De um esboço que figurou na sua primeira exposição de João na galeria Perrier, em Paris.

Continua na Pagina 7

13.3. “Manifesto antropófago”, de Oswald de Andrade. *Revista de Antropofagia*, 1928.



13.4. *Martírio de Tiradentes*, de Francisco Aurélio de Figueiredo e Melo, 1893.

- b. Tiradentes, o principal propagandista da Conjuração Mineira, aparece como personagem central da segunda figura. Explicar como esse “herói sem face” teve sua imagem reconstruída no final do Império e, sobretudo, durante a República. Compará-lo então com o “herói sem nenhum caráter”, Macunaíma, criado por Mário de Andrade no romance homônimo publicado em 1928.
5. Solicite aos alunos que escolham três entre as muitas revoltas, greves, conflitos e “perturbações da ordem” ocorridos durante a Primeira República. Para cada uma, eles devem analisar quem foram seus articuladores, o que pleiteavam e em que medida essas reivindicações relacionavam-se à luta por direitos, pela extensão da cidadania e pela inclusão social.

## LEGENDAS INTERPRETATIVAS DAS AUTORAS

13.1. Na manhã de 15 de novembro de 1889, os militares que conspiravam pela República se dirigiram ao Campo de Santana, no Rio de Janeiro, dispostos a derrubar o Império. Não houve atos heroicos, e o povo ficou de fora do roteiro. Os militares marcharam até o Paço Imperial e destituíram o presidente do gabinete ministerial. À noite, Pedro II foi informado do golpe que proclamou a República. Na tela, porém, uma multidão, que jamais existiu, aclama o feito grandioso do marechal Deodoro da Fonseca, montado num fogoso cavalo branco e erguendo a espada, símbolo da ação militar. Nada como perpetuar o que acabava de nascer e era ainda imprevisível em seu destino.

13.2. Logo no início da República, uma verdadeira batalha simbólica é travada. Dentre outros, foi necessária a criação de uma nova bandeira nacional. Foi então aberto um concurso público, e vários projetos foram enviados. Na flâmula reproduzida vemos praticamente a cópia da bandeira norte-americana, apenas com as cores verde e amarelo a distinguir o projeto. Aliás, diferentemente do que se costuma dizer, as cores não correspondiam a nossa mata e a nosso ouro, e sim às cores das Casas Imperiais destituídas, dos Bragança e dos Habsburgo.

13.3. O “Manifesto antropófago”, de Oswald de Andrade, converteu-se numa espécie de bandeira do modernismo brasileiro. Composto de vários aforismos, ele foi lido pela primeira vez em 1928, na casa de Mário de Andrade, e publicado na *Revista de Antropofagia*. Misturando poesia com muito bom humor, e trazendo referências a autores como Freud, Marx, Breton, Picabia, Rousseau e Montaigne, Oswald combinava, ainda, passagens retiradas das diferentes culturas formadoras do Brasil. “Contra todos os importadores de consciência enlatada”, o texto metaforizava o costume canibalista dos nativos da Terra Brasilis, sugerindo a “ingestão” crítica do cardápio de ideias vindo de fora e sua “deglutição” adequada à realidade do país.

13.4. O artista acadêmico Francisco Aurélio de Figueiredo e Melo, fiel ao gênero das pinturas históricas que engrandeciam a nação, e seguindo a nova voga que retomava a imagem de Tiradentes, retrata o inconfidente mineiro como Cristo diante da cruz. Todos lamentam sua futura morte: o padre olha para os céus como se esperasse um milagre; uma pomba voa à frente do cadafalso, e até o carrasco, que não acidentalmente é negro, mira o chão e tapa os olhos como se estivesse arrependido do ato que está prestes a realizar.